

Berger Faraco, Ceres;Pizzinato, Adolfo;Casser Csordas, Michele;Calessio Moreira, Mariana;Scherer Zavaschi, Maria Lucrecia;Santos, Tatiane;Silva de Oliveira, Vera Lúcia;Luana Boschetti, Franciele;Moraes Menti, Laura de
Terapia mediada por animais e saúde mental: um programa no Centro de Atenção Psicosocial da Infância e Adolescência em Porto Alegre - TAA Parte III
Saúde Coletiva, Vol. 34, Núm. 6, 2009, pp. 231-236
Editorial Bolina
Brasil

Disponible en: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=84212106001>

saúdecoletiva

Saúde Coletiva
ISSN (Versión impresa): 1806-3365
editorial@saudecoletiva.com.br
Editorial Bolina
Brasil

¿Cómo citar?

Número completo

Más información del artículo

Página de la revista

Terapia mediada por animais e saúde mental: um programa no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência em Porto Alegre – TAA Parte III

O objetivo deste estudo foi examinar as repercussões de um programa de terapia mediada por animais junto a um grupo de pacientes do Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência do Hospital de Clínicas de Porto Alegre-RS. Teve como objeto de estudo as repercussões psicossociais destas intervenções sobre o funcionamento global, sintomas psiquiátricos e relacionamento com os pares contemplados nos instrumentos CGAS (Children Global Assessment Scale) e SDQ (Strengths Difficulties Questionnaire). Participaram da pesquisa 28 crianças e adolescentes com idade entre sete e 16 anos e seus responsáveis. Os resultados demonstraram que, quando as informações são analisadas em conjunto, há diferenças que tendem a escores de funcionamento global compatíveis com a categoria de normalidade.

Descritores: Terapia mediada por animais, Pet terapia, Saúde mental.

The purpose of this study was to examine the repercussions of an Animal Assisted Therapy program among a group of patients at the Center for Psychosocial Care for Childhood and Adolescence at the Hospital de Clínicas of Porto Alegre - RS, Brazil. The study focused on the psychosocial repercussions of these interventions on: global functioning, psychiatric symptoms and peer relationships as analyzed by the Children Global Assessment Scale (CGAS) and Strengths Difficulties Questionnaire (SDQ) tools. The study included 28 children and adolescents from 7 – 16 years old and their guardians. The results showed that when the information are analyzed as a whole, there are differences that tend to yield global functioning scores compatible with the category of normality.

Descriptors: Animal assisted therapy, Pet therapy, Mental health.

El objetivo de este estudio fue examinar las repercusiones de un programa de Terapia asistida por animales junto a un grupo de pacientes del Centro de Atención Psicossocial de la Infancia e Adolescencia del Hospital de Clínicas de Porto Alegre - RS, Brasil. Tuvo como objeto de estudio las repercusiones psicossociales de estas intervenciones sobre: el funcionamiento global, síntomas psiquiátricos y relacionamiento con los pares contemplados en los instrumentos CGAS (Children Global Assessment Scale) y SDQ (Strengths Difficulties Questionnaire). Participaron de la investigación veintiocho niños y adolescentes con edad entre 7 y 16 años y sus responsables. Los resultados demostraron que cuando las informaciones son analizadas en conjunto hay diferencias que tienden a resultados sobre el funcionamiento global compatibles con la categoría de normalidad.

Descritores: Terapia asistida por animales, Pet terapia, Salud Mental.

Ceres Berger Faraco: Médica Veterinária, Mestre e Doutora em Psicologia. Docente da FACCAT - RS.

Adolfo Pizzinato: Psicólogo, Doutor em Psicologia. Docente da ULBRA/RS e PUC - RS.

Michele Casser Csordas: Educadora Física. Especialista em Recreação, Lazer e Jogos Cooperativos. Recreacionista do Hospital de Clínicas de Porto Alegre - RS.

Mariana Calessio Moreira: Psicóloga, Doutora em Psicologia. Hospital Moinhos de Vento - RS.

Maria Lucrecia Scherer Zavaschi: Médica Psiquiatra, Mestre em Psiquiatria. Docente da UFRGS. Coordenadora da Equipe de Psiquiatria da Infância e Adolescência do CAPSi do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS. - zavaschi@terra.com.br

Tatiane Santos: Graduanda de Psicologia da FACCAT - RS.

Vera Lúcia Silva de Oliveira: Graduanda de Psicologia da FACCAT - RS.

Franciele Luana Boschetti: Graduanda de Psicologia da ULBRA - RS.

Laura de Moraes Menti: Graduanda de Psicologia da PUC - RS.

terapia assistida por animais e saúde mental

Faraco CB, Pizzinato A, Csordas MC, Moreira MC, Zavaschi MLS, Santos T, Oliveira VLS, Boschetti FL, Menti LM. Terapia mediada por animais e saúde mental: um programa no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência em Porto Alegre – TAA Parte III



Recebido: 20/02/2009
Aprovado: 31/08/2009

INTRODUÇÃO

O reconhecimento do elo entre humanos e animais tem estimulado inúmeras pesquisas e nas últimas décadas cresce o interesse sobre a repercussão de atividades e terapias mediadas por animais com objetivos educacionais, de reabilitação física e/ou social e na promoção de saúde e bem-estar das pessoas.

Sabe-se que a participação de animais em programas terapêuticos tem uma longa história, porém o uso extensivo, documentado e organizado é relativamente novo. De acordo com Beck e Katcher¹, Florence Nightingale em sua obra *Notes on Nursing* de 1860 já defendia a ideia de que o animal de companhia é um excelente recurso para muitos tipos de enfermos. Entretanto, até os dias atuais, os registros mais frequentes desse

tipo de benefício eram informais, configurando esta iniciativa como prática de saúde marginal, pelo menos no âmbito da saúde mental no Brasil.

Mas de onde vem essa relação entre saúde humana e contato com animais? Qual é a trajetória percorrida pelas práticas em saúde até chegar à Terapia Mediada por Animais (TMA)? Evidentemente que sob uma perspectiva ecológica do desenvolvimento humano, tal como postula Bronfenbrenner², o meio exerce um peso fundamental em nossa formação, nossos potenciais de desenvolvimento e em nossa saúde. Neste modelo, apresentado na figura 1, o ambiente é estruturado conforme a perspectiva de microsistemas concêntricos e entrelaçados. A criança/pessoa está no seu centro e a família e animais, a escola, os amigos compõem os diferentes contextos que influenciam a sua percepção em uma inter-relação dinâmica³. Desta maneira, excluir a presença dos animais como membros desses sistemas, assim como o são outros fatores ambientais e atores (espaço físico, relações afetivas, familiares, escolares, comunitárias), seria no mínimo inadequado.

Portanto a TMA, ainda que pouco estruturada como prática de saúde coletiva é uma possibilidade que informalmente foi ganhando espaço na atenção à saúde, resignificando no âmbito da atenção, outras práticas significativas já observadas nos contextos naturais de desenvolvimento. Nos E.U.A. esta iniciativa começou em 1919 quando o Secretário de Interior Franklin Lane incorporou a companhia de animais à pacientes psiquiátricos do Hospital Saint Elizabeth de Washington⁴. Já no ano de 1942, animais foram incluídos nos programas de reabilitação para convalescentes da Força Aérea, através de tarefas a serem realizadas na granja do hospital. Em todas estas atividades, no entanto, não ocorreram registros cientificamente aceitos sobre os progressos alcançados, nem mesmo sobre os benefícios desta interação⁵.

Somente a partir do ano 1960, o psiquiatra Boris Levinson documentou em suas observações, que o cuidado da saúde deveria considerar a relação com animais de companhia, pelo valor terapêutico que atribuía a esta interação. No ano de 1990, William Thomas desenvolveu um ambiente terapêutico chamado “o éden alternativo”, com a inclusão de animais em centros de atenção de pacientes crônicos, tratando desta maneira de aproximar-se do mundo natural⁴. Mas “aproximação” é o termo mais adequado? Talvez a ideia de reaproximar os humanos da natureza, seja uma reação às práticas tecnológicas mais “pesadas” em saúde, vistas como estratégias terapêuticas mais distantes do *modus vivendi* “natural” da nossa espécie. Entretanto, a ideia de (re)aproximação à nossa condição natural também reflete a noção de que nos afastamos dela, ou que somos (ou temos) uma condição bastante diferenciada das demais espécies, ainda que pareçamos “magneticamente” atraídos por algumas delas.

Duas propostas de explicação para a influência dos animais na saúde humana são a Biofilia e a Teoria de Apoio Social¹. A hipótese da Biofilia foi cunhada por Edward O. Wilson e afirma que durante a maior parte da evolução humana, a condição física da espécie foi desenvolvida na direção de ampliar as capacidades de caçar animais e localizar as fontes de alimentos vegetais⁶. Assim, o aparato encefálico teria sido desenvolvido com uma predisposição para focar a atenção em animais e nos estímulos e propriedades do ambiente circundante.

Tabela 1. Teste t de Student para comparações entre pré e pós por grupo e no geral. Porto Alegre, 2007.

Grupo	Momento	n	Média	Desvio-padrão	t	Valor de p	
A	Crianças	Pré	15	19,13	5,24	4,79	0,000
		Pós	15	17,00	5,01		
	Responsáveis	Pré	15	24,60	6,16		
		Pós	15	21,13	5,46		
B	Adolescentes	Pré	13	20,85	5,44	4,08	0,002
		Pós	13	17,77	4,76		
	Responsáveis	Pré	13	27,69	5,39		
		Pós	13	23,54	4,20		
A + B	Crianças/Adolescentes	Pré	28	19,93	5,30	6,04	0,000
		Pós	28	17,36	4,82		
	Responsáveis	Pré	28	26,04	5,92		
		Pós	28	22,25	4,98		

Já a Teoria de Apoio Social, outra perspectiva teórica é apoiada por um grande volume de investigações que descrevem os efeitos positivos para a saúde humana do companheirismo social⁷. Os animais são comprovadamente uma fonte de apoio social, como é expresso na afirmação de que o animal de estimação é considerado “um membro da família”, bem como, nas evidências de facilitarem e promoverem o contato interpessoal e, por consequência, aumentarem a frequência de apoio humano social⁸.

Esta pesquisa teve por objetivo investigar a possível aplicabilidade de um programa de Intervenção mediado por animais em pacientes do Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência do Hospital de Clínicas de Porto Alegre - CAPSi. Teve como objeto de estudo as repercussões psicossociais destas intervenções sobre: o funcionamento global, sintomas psiquiátricos e relacionamento com os pares.

O CAPSi foi idealizado como um serviço ambulatorial de atenção diária substitutivo ao hospital psiquiátrico e que deve prestar atendimento público em saúde mental no território brasileiro, seguindo áreas de abrangência. A assistência ao seu público se dá através do atendimento individual, de grupos, oficinas terapêuticas, visitas domiciliares, atendimento à família e atividades comunitárias enfocando a integração do paciente na comunidade e sua família, além do oferecimento de refeições⁹.

O referido Centro vem oferecendo, desde 2003, atendimento às crianças e adolescentes com transtornos mentais e em 2008 foi pioneiro no país ao propor e implantar um projeto de TMA para seus pacientes.

Essas crianças e adolescentes são portadores de transtornos mentais graves e apresentam dificuldades em seu dia-a-dia, quer dizer, que há um impacto significativo dos sintomas em suas vidas, trazendo sofrimento psíquico e interferência substancial em seu funcionamento.

A relevância deste estudo se encontra relacionada ao fato de despertar para um tema atual que é carente de produção acadêmica e para uma área de conhecimento ainda pouco explorada no país. O fato de estas intervenções poderem ser agregadas às atividades regulares no Caps, potencializando-as, indica a amplitude desta proposta para a promoção da saúde mental de crianças e adolescentes.

METODOLOGIA

Participantes

Participaram deste estudo 28 crianças e adolescentes. O critério para inclusão foi à pontuação entre 40 e 60 (níveis de funcionamento nesta faixa de pontuação do CGAS: funcionamento variável com dificuldades esporádicas e Grau moderado de interferência no funcionamento), obtida na avaliação de funcionamento global pela escala Children Global Assessment Scale (CGAS), atribuída mediante avaliação prévia individual pela equipe clínica de psiquiatria do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Eram pacientes (64%) em tratamento no CAPS i ou novos (36%) que ingressaram por ter indicação de encaminhamento para hospital/dia, embora, ainda não estivessem integrados às outras atividades do Centro. Os participantes foram divididos em dois grupos A e B, conforme rotina do serviço. No grupo A participaram as crianças menores, física ou emocionalmente, em processo de alfabetização e, no grupo B estavam as crianças maiores nos mesmos aspectos, porém já alfabetizadas e independentes. Dos participantes, vinte eram do sexo masculino (71,4%) e oito eram do sexo feminino (28,6%). A idade dos participantes teve variação entre sete e 16 anos.

Os participantes eram portadores de transtornos mentais diversos, e alguns dos diagnósticos mais frequentemente encontrados foram: transtorno de humor, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, transtorno opositor desafiante, transtorno de conduta e abuso sexual. Quanto ao coeficiente intelectual, a maior parte dos pacientes apresentaram retardo mental de leve a moderado¹⁰.

Além desses, os responsáveis pelas crianças e adolescentes participaram nas duas etapas (pré e pós-intervenção) de aplicação do instrumento Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ) versão para pais.

Os seguintes animais integraram as atividades: cachorro, tartaruga, periquito, peixe, cabra, hamster, esquilo chinês, coelho e porco da Índia. A seleção dos animais participantes foi um capítulo fundamental deste processo. O controle sanitário dos animais ocorreu por avaliação periódica de Médica Veterinária, sendo observados protocolos preventivos e de manejo desde a etapa de planejamento destas atividades. Cabe destacar que esses são considerados animais de serviço e, portanto,

terapia assistida por animais e saúde mental

Faraco CB, Pizzinato A, Csordas MC, Moreira MC, Zavaschi MLS, Santos T, Oliveira VLS, Boschetti FL, Menti LM. Terapia mediada por animais e saúde mental: um programa no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência em Porto Alegre – TAA Parte III

Tabela 2. Tabela cruzada para SDQ categorizado entre pré e pós (crianças/adolescentes, grupos A+B); crianças/adolescentes pré *; crianças/adolescentes. Pós Crosstabulation, Porto Alegre, 2007.

		Crianças/Adolesc. pós			Total	
		Normal	Limítrofe	Anormal		
Crianças/Adolesc. Pré	Norma	Count	7	0	0	7
		% within crianças pré	100.0%	0.0%	.0%	100.0%
	Limítrofe	Count	1	2	0	3
		% within crianças pré	33.3%	66.7%	.0%	100.0%
	Anormal	Count	3	4	11	18
		% within crianças pré	16.7%	22.2%	61.1%	100.0%
Total	Count	11	6	11	28	
	% within crianças pré	39.3%	21.4%	39.3%	100.0%	

Tabela 3. Tabela cruzada para SDQ categorizado entre pré e pós (pais, grupos A+B). Pais pré * Pais pós Crosstabulation, Porto Alegre, 2007.

		Pais pós			Total	
		Normal	Limítrofe	Anormal		
Pais Pré	Norma	Count	1	0	0	2
		% within Pais pré	50.0%	50.0%	.0%	100.0%
	Limítrofe	Count	0	0	1	1
		% within Pais pré	.0%	.0%	100.0%	100.0%
	Anormal	Count	0	1	24	25
		% within Pais pré	.0%	4.0%	96.0%	100.0%
Total	Count	1	2	25	28	
	% within Pais pré	3.6%	7.1%	89.3%	100.0%	

devem ter um regime especial de participação, com previsão de repouso e local para abrigo seguro, conforme recomendação da International Association of Human-Animal Interaction Organizations – IAHAIO (A Declaração do Rio de Janeiro sobre os Animais de Companhia nas escolas, elaborada pela IAHAIO, em 2001, que dispõe sobre as condições sanitárias, de segurança e de bem-estar que devem ser asseguradas aos animais e crianças). O toque constante, o manejo indiscriminado e inadequado são fatores desencadeantes de estresse, tendo por consequência, distúrbios psicológicos e comportamentais; portanto o monitoramento da intervenção foi permanente. Os animais pertenciam à equipe pesquisadora e, após a pesquisa, foram mantidas as condições fisiológicas, sociais e comportamentais necessárias para o seu bem-estar. Eles foram trazidos ao CAPS somente nos dias dos encontros.

Instrumentos

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - foi utilizado com a finalidade de fornecer informações a respeito dos objetivos da pesquisa e a forma de participação, além de assegurar o caráter sigiloso de tratamento das informações obtidas.

Escala de Avaliação Global de Crianças - Children Global Assessment Scale – CGAS, por avaliadores independentes, proposta por Shaffer et al¹¹.

O instrumento foi utilizado com as crianças e adolescentes

para critério de ingresso na pesquisa com o objetivo de estimar o nível de funcionamento global no momento da sua aplicação.

Questionário de capacidades e dificuldades – SDQ – Strengths and Difficulties Questionnaire¹².

O SDQ é um questionário de screening para problemas de saúde mental infantil. É um questionário de aplicação rápida, que fornece hipóteses diagnósticas e pode ser usado para a avaliação de intervenções, pois é sensível às mudanças no quadro do paciente. Existem três versões (pais, professores e jovens) que diferem entre si em apenas alguns termos. Somente as versões para pais e jovens foram utilizadas neste estudo. No que diz respeito à aplicabilidade em crianças, o instrumento é considerado uma medida de psicopatologia breve e útil para a população de quatro a 16 anos¹³. Além de investigar sintomas, o SDQ avalia o impacto dos mesmos na própria criança, na sua vida familiar e escolar¹⁴. O instrumento foi aplicado em dois momentos pré e pós-intervenção. A aplicação do SDQ, versões pais e crianças/adolescentes, em etapa preliminar à intervenção teve como objetivo obter dados para traçar a linha de base do

padrão de funcionamento das crianças e, se constituiu num marco inicial, para o estudo de seguimento de mudanças ocorridas ao longo do tempo de intervenção.

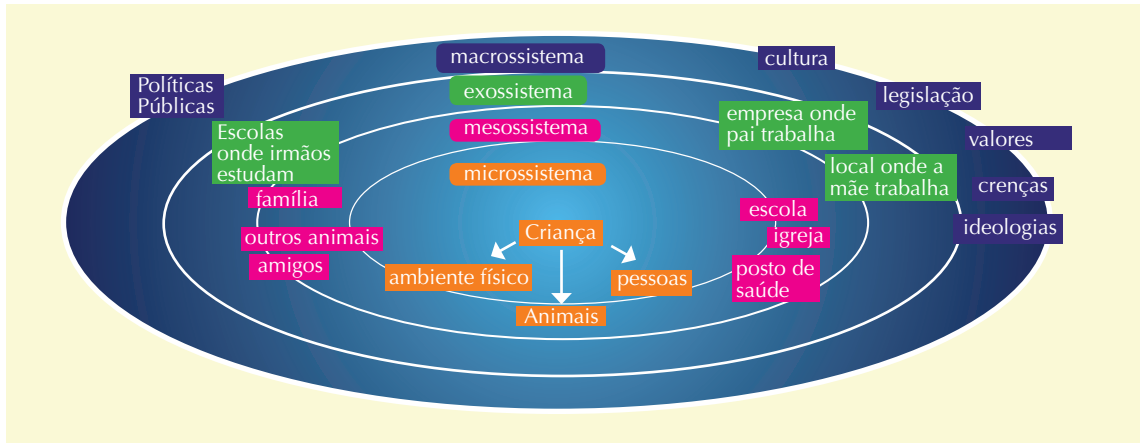
O teste possui 25 itens que são compostos de cinco escalas com cinco itens cada, que avaliam sintomas emocionais, problemas de conduta, hiperatividade, problemas de relacionamento com os colegas e comportamento pró-social. A pontuação global obtida (exceto pontos da sociabilidade) gera o escore do total de dificuldades de cada criança ou adolescente e é interpretado através de bandas provisionais que categorizam o grau de dificuldades expresso pelo participante como normal, limítrofe ou anormal. Segundo os autores, a margem de erro dessa análise é de 10%.

As intervenções

A presente pesquisa foi desenvolvida após aprovação, conforme protocolo 07/273 do Comitê de Ética em Pesquisa, Grupo de Pesquisa e Pós-Graduação do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, RS. A proposta foi apresentada para os responsáveis pelas crianças e solicitada à formalização do consentimento através da assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto previa a autonomia do sujeito em participar através de avaliação do médico responsável, da aquiescência dos responsáveis e das crianças e adolescentes participantes.

No primeiro encontro foi estabelecido um “acordo” com as

Figura 1. Modelo topográfico das relações das crianças com os animais segundo a abordagem ecológica.



Fonte: Faraco³

crianças e jovens. Todos os encontros iniciavam com um breve rapport, retomando a finalidade do encontro, os cuidados e as combinações, fatores necessários para o desenvolvimento das atividades, para interagir com os animais e para com os demais membros do grupo durante a intervenção. Em face de qualquer sinal de alerta, ficou estabelecido que o animal visitante fosse imediatamente afastado do ambiente, e as crianças e adolescentes, informadas sobre as razões desta atitude. As atividades para os dois grupos foram semanais, com 50 minutos cada encontro e durante um período de 14 semanas. As atividades eram semiestruturadas e incluíam informações sobre animais através de conversas/ jogos e os cuidados necessários para com eles, o contato físico e o compartilhar com os demais participantes conhecimentos, habilidades e emoções. Em cada semana participavam animais distintos. Todas as atividades buscavam refletir a integração entre conhecimentos e vivências propostas. Nesse mesmo sentido, buscou-se oportunizar a expressão de equilíbrio desejável para promover a vida em grupo e a aprendizagem em seu máximo, conforme o potencial de cada participante. Destacava-se a conexão entre as diferentes formas de vida por meio de comportamentos e emoções. Os encontros tinham objetivos específicos tais como: desenvolvimento de habilidades sociais, promover a identidade grupal e fortalecer a identidade de seus membros; reconhecimento de emoções, resolução de conflitos e autocontrole, bem como o desenvolvimento de habilidades de observação, de descrição e interpretação. Todas as atividades eram moduladas pela empatia e solidariedade para com os animais.

RESULTADOS

Foram avaliadas 28 crianças e adolescentes, sendo também analisadas as informações dos 28 responsáveis que, na maioria dos casos, eram as mães. As análises estatísticas foram realizadas considerando os grupos como um todo.

Antes de iniciar a intervenção, as crianças apresentavam pontuações médias de 19,13 (dados de autoavaliação) e 24,60 (dados dos responsáveis/ pais) como pode ser verificado na ta-

bela 1. Essas pontuações elevadas categorizaram o grupo como portador de graves ou com tendência a graves dificuldades totais por considerarem escores relacionados a diferentes áreas: sintomas emocionais, problemas de conduta, hiperatividade, problemas de relacionamento com os colegas e no comportamento pró-social. A partir destes dados foi estabelecida a linha basal (escores iniciais) para o instrumento SDQ em suas duas versões (responsáveis e crianças).

As pontuações no grupo dos adolescentes foram ainda superiores (tabela 1) tendo alcançado os seguintes escores: 20,85 e 27,69, conforme os informantes serem os adolescentes, ou os responsáveis. A partir desses resultados, este grupo foi categorizado como apresentando dificuldades totais graves.

Após o término da intervenção, o instrumento foi reaplicado para verificar os escores finais do conjunto de dificuldades identificadas inicialmente. O objetivo dessa verificação e análise foi caracterizar as dificuldades expressas pelo grupo de crianças e adolescentes dentro dos padrões para normalidade, limítrofes e graves ou anormais estabelecidos como parâmetros no instrumento DDQ. Como pode ser visto na tabela 1, independentemente do grupo e do informante todos os participantes apresentaram redução significativa nas médias das pontuações obtidas após a intervenção.

Estes resultados foram analisados estatisticamente pelo Teste t de Student, verificando a diferença entre os escores basais e finais, obtidos a partir da aplicação dos instrumentos no momento inicial e ao término da intervenção. Para análise estatística foi utilizado o programa SPSS 14.0.

O n foi igual a 28 e, seguindo a assertiva de McClave et al¹⁴ com um n>25, a distribuição da média amostral segue uma distribuição Normal independentemente da forma funcional dos dados de entrada. A convergência para a Normal garante o funcionamento de testes de significância paramétricos.

A tabela 2 apresenta escores referentes ao cruzamento das pontuações segundo autoavaliação pré e pós dos participantes. Para a interpretação dos resultados obtidos foi utilizado o teste de McNemar (p < 0,01), o qual também indica

que houve alteração significativa de categoria entre os escores da aplicação pré e pós, acusando uma tendência em direção à categoria normal.

A tabela 3 repete as informações da tabela anterior com os dados informados pelos pais/responsáveis. Ressalva-se, no entanto, que no cruzamento das informações pré e pós intervenção o teste de McNemar ($p>0,10$) demonstrou não haver alteração significativa de categoria entre Pré e Pós conforme os informantes.

Observou-se uma diminuição do escore de dificuldades totais atribuídos por autoavaliação. Não houve a mesma tendência quando os informantes são o grupo de responsáveis como um todo.

É importante ressaltar que a interação com animais favorece a afiliação dos participantes no grupo e sua aderência às atividades propostas. Segundo Kirkpatrick¹⁵ as condições que facilitam comportamentos afiliativos são relevantes para portadores de transtornos psiquiátricos. Afirma ainda que a perda de relações aumenta o risco de recorrência de sintomas. As entrevistas para aplicação individual do instrumento, feitas com os participantes e seus responsáveis, proporcionou outro olhar sobre o grupo, como um todo, prevalecendo uma uniformidade sobre a motivação e interesse para com este tipo de programa proposto. Estabeleceram-se novas configurações, que foram dadas a perceber através de atos e do rompimento de comportamentos usuais dos participantes e entre estes.

Estas informações somaram-se aos resultados obtidos a partir do instrumento SDQ e delineiam caminhos, podendo ser considerada a interação humano-animal como uma indicação complementar para terapia em Saúde Mental.

CONCLUSÃO

Acredita-se que as duas principais razões para a intervenção mediada por animais ser ainda incipiente no Brasil são a lacu-

na de conhecimento a este respeito e as barreiras de aceitação à presença dos animais em ambientes hospitalares e/ou outros locais de atenção à saúde. Cabe destacar que os resultados obtidos neste trabalho são extremamente relevantes e em face do estágio de conhecimento acadêmico sobre o tema parece oportuno sublinhar a importância do processo pioneiro de construção desta pesquisa.

O programa deu relevo aos seres vivos, para que a relação pudesse ser estabelecida em outro domínio, outra dimensão, em outro ambiente. Assim, os animais mediarão as relações para outros fazeres, palavras, comportamentos e as crianças e adolescentes foram estimulados a lançar um novo olhar e a tomar decisões, alterar - ou não - comportamentos, a partir de um prisma de pensamento único, o seu, experiencial, dinâmico e de acordo com sua percepção deste novo ambiente.

Muitas pessoas observam aspectos positivos da interação entre humanos e animais, entretanto, os resultados deste estudo vão além e indicam que existe uma base de cientificidade para apoiar o uso de terapias mediadas por animais em saúde mental. Os resultados motivam para a necessidade de aplicar e investigar mais extensamente sobre esta modalidade terapêutica. Os dados encontrados trazem questões a serem abordadas em novos estudos e, especialmente, com respeito às hipóteses de um período mais prolongado de duração das intervenções e/ou sua frequência semanal, como possíveis variáveis a serem manejadas para

investigar repercussões em outros contextos de interações cotidianas destas crianças e adolescentes.

Os resultados obtidos são alentadores, e a consecução natural é a ampliação deste estudo buscando contribuir para a credibilidade e difusão desta área. Conclui-se que a terapia mediada por animais representa uma intervenção complementar com repercussões benéficas a ser implantada em Centros de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência, bem como, outros locais que atuam em saúde mental no nosso país. ■

“OS RESULTADOS MOTIVAM PARA A NECESSIDADE DE APLICAR E INVESTIGAR MAIS EXTENSAMENTE SOBRE ESTA MODALIDADE TERAPÊUTICA”

Referências

1. Beck AM, Katcher AH. Future directions in human-animal bond research. *Am Behav Scient.* 2003;74(1):79-93.
2. Bronfenbrenner U. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996.
3. Faraco CB. Animais em sala de aula: um estudo das repercussões psicossociais da intervenção mediada por animais [dissertação]. Porto Alegre: Faculdade de Psicologia da PUC-RS; 2003.
4. Leonor JM. Visita terapêutica de mascotas en hospitales. *Rev Chil Infect.* 2005;22(3):257-63.
5. Hooker SD, Freeman L, Stewart P. Pet therapy research: a historical review. *Holist Nurs Pract.* 2002;17:17-23.
6. Katcher AH, Wilkins G. Dialogue with animals: its nature and culture. In: Kellert SR, Wilson EO, editors. *The biophilia hypothesis.* Washington, DC: Island Press; 1993. p. 173-97.
7. Lynch JJ. A cry unheard: new insights into the medical consequences of loneliness. Baltimore: Bancroft; 2000.
8. Eddy J, Hart LA, Boltz RP. The effects of service dogs on social acknowledgements of people in wheelchairs. *J Psychol.* 1988;122:39-44.
9. Zavaschi MLS, organizador. Crianças e adolescentes vulneráveis: o atendimento interdisciplinar nos Centros de Atenção Psicossocial. Porto Alegre: Artmed; 2009.
10. Bergmann DS, Zavaschi MLS, Basols AMS, Alegria T. Perfil das crianças e adolescentes atendidos no Centro de Atenção Psicossocial do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. In: Zavaschi MLS, organizador. Crianças e adolescentes vulneráveis: o atendimento interdisciplinar nos Centros de Atenção Psicossocial. Porto Alegre: Artmed; 2009. p. 69-78.
11. Shaffer D. A Children's Global Assessment Scale (CGAS). *Arch Gen Psychiatry.* 1983;40:1228-31.
12. Goodman R. Psychometric properties of the strengths and difficulties questionnaire (SDQ). *J Am Acad Child Adolesc Psychiatr.* 2001;40:1337-45.
13. Fleitlich BW, Cortazar PG, Goodman R. Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ). *Infanto.* 2000;8:44-50.
14. McClave JT, Benson PG, Sincich T. *Statistics for business and economics.* New Jersey: Practice Hall; 2001.
15. Kirkpatrick B. Affiliation and neuropsychiatric disorders: the deficit syndrome of schizophrenia. In: Carter CS. *The integrative neurobiology of affiliation.* New York: Academy of Sciences Annals; 1997. p. 455-68.